

Lição 01: O mistério da Santíssima Trindade

TEXTO ÁUREO

Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mt 3.17)

VERDADE PRÁTICA

A doutrina da Trindade é central à fé cristã: um só Deus em três Pessoas que coexistem e atuam harmoniosamente na Obra da Redenção.

LEITURA DIÁRIA

Segunda	Mc 1.9-11	A Trindade revelada no batismo de Jesus ⁹ E aconteceu naqueles dias que Jesus, tendo ido de Nazaré da Galileia, foi batizado por João, no Jordão. ¹⁰ E, logo que saiu da água, viu os céus abertos, e o Espírito, que como pomba descia sobre ele. ¹¹ E ouviu-se uma voz dos céus, que dizia: Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo.
Terça	Is 42.1	O Servo do Senhor em quem Deus se compraz Eis aqui o meu servo, a quem sustenho, o meu eleito, em quem se compraz a minha alma; pus o meu espírito sobre ele; ele trará justiça aos gentios.
Quarta	Mt 28.19	A fórmula batismal trinitária na Grande Comissão Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo
Quinta	2Co 13.14	A bênção apostólica e a comunhão trinitária A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós. Amém.
Sexta	Ef 4.4-6	Um só Espírito, um só Senhor, um só Deus ⁴ Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; ⁵ Um só Senhor, uma só fé, um só batismo; ⁶ Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós.
Sábado	1Pe 1.2	A obra redentora trinitária: Pai, Filho e Espírito Santo Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Mateus 3.13-17

13 - Então, veio Jesus da Galileia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por ele.

14 - Mas João opunhas-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?

15 - Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu.

16 - E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

17 - E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

OBJETIVOS DA LIÇÃO

- I) Explicar a revelação da Trindade no batismo de Jesus;
- II) Mostrar a unidade e a distinção das Pessoas divinas à luz das Escrituras;
- III) Enfatizar a importância da doutrina trinitária para a fé cristã.

INTRODUÇÃO

O batismo de Jesus retrata um dos momentos da revelação divina sobre a natureza trinitária de Deus. Nele, de maneira simultânea, as três Pessoas da Trindade se manifestam: o Filho é batizado, o Espírito Santo desce como pomba e o Pai fala dos céus. O episódio fornece uma base sólida para a doutrina da Trindade. Nesta lição, vamos abordar o mistério da Trindade sob três aspectos: a revelação no batismo de Jesus, a distinção e unidade das pessoas divinas e a relevância da Trindade para a fé cristã.

I - A REVELAÇÃO TRINITÁRIA NO BATISMO DE JESUS

1) O batismo do Filho: a obediência de Cristo. Jesus, o Deus encarnado (Jo 1.14), desceu às águas do Jordão para ser batizado por João Batista (Mt 3.13). Este ato, à primeira vista, pode parecer desnecessário, já que Jesus não era um pecador (2Co 5.21; Hb 4.15). Contudo, Ele disse: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3.15). Jesus não precisava ser batizado como uma forma de expressar arrependimento (Mt 3.6). Contudo, Ele submeteu-se a essa tradição judaica, associando-se à condição dos pecadores que veio salvar (Mt 5.17). Assim, o batismo de Jesus é um gesto de identificação com a humanidade pecadora e uma atitude de obediência ao plano redentor do Pai. Esse é o início visível da missão messiânica, que culminaria na cruz (Fp 2.8).

Ao contrário do que muitos pensam, o batismo não tem origem em nenhum mandamento do Antigo Testamento, não está em nenhum versículo, muito menos no Judaísmo antigo. Pouco ou nada temos a respeito das origens desse costume. Ele é muito mais retratado do que justificado. Isso não lhe tira a validade, muito pelo contrário. Deus permite que determinados costumes passem a fazer parte no corpo doutrinário das cerimônias com as quais se relaciona. No texto de Êxodo 12, por exemplo, não existe menção ao vinho na Páscoa, muito menos na Ceia, que nem existia ainda. Porém, ele aparece vividamente no Novo Testamento e foi incorporado à liturgia.

Outro caso importante se dá com o casamento. Não há uma cerimônia fixa na Bíblia, com uma sequência pré-estabelecida. Ao longo do tempo, várias nuances vão sendo acrescentadas, mas isso não invalida o casamento em si mesmo, e todas acabam validadas de uma forma ou de outra pela Igreja ao longo da História.

Tudo o que sabemos, biblicamente, sobre o batismo se inicia com o ritual estabelecido por João Batista (Mt 3:6). Porém, anos antes um costume havia se estabelecido entre os judeus para o recebimento, principalmente, de aderentes ao Judaísmo. Os prosélitos deveriam recitar partes da Torá, serem batizados numa banheira chamada mikvê e, então, serem declarados filhos de Abraão.

Estas mikvôt (plural de mikvê) em nada diferem dos muitos tanques batismais de nossas igrejas, exceto pelo fato de não observarmos as leis da Halachah judaica. Há alguns registros arqueológicos nos quais parecem mais com tanques de banho. A água desses recipientes deveria ser obtida de uma fonte natural: chuva, nascentes, rios, etc.



Esta cerimônia é tão importante para os judeus que é permitido vender a própria sinagoga para comprar uma mikvê e é proibido habitar numa cidade que não a tenha.

O ápice do batismo é a sua representação simbólica. A pessoa que sai das águas não é a mesma que entra. É um eco da ideia central da filosofia de Heráclito de Éfeso, um pensador pré-socrático que viveu na Grécia Antiga (540 a.C. – 470 a.C.): "Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio¹". Nem a pessoa é a mesma, pois o tempo, ainda que

¹ Οὐκ ἔστιν ἐμβῆναι δις τῷ αὐτῷ ποταμῷ (Lê-se, rruk estin embênai dis tô autô potamô).

ínfimo, passou. Nem o rio é o mesmo, pois suas águas não podem ser retidas e já fluíram, indo adiante.

Entretanto, enquanto as pessoas iam a João arrependidas de seus pecados, Jesus não precisava se arrepender de nada, pois não tinha pecado (Hb 4:15). O gesto do Mestre, porém, carregava significados profundos tanto em relação ao cumprimento das profecias, quanto às convenções religiosas de sua época e tinham como objetivo:

1. Um testemunho público de comunhão com o Pai e com Espírito Santo;
2. Um testemunho público de validação do ministério de João como seu precursor (Mt 11:14), dando-lhe a honra de batizá-lo;
3. A inauguração pública de seu ministério, ungido pelo Espírito Santo e encarnando as profecias sobre o Messias!

2) A descida do Espírito: a unção para o Ministério. Logo após sair das águas, Jesus viu os céus se abrirem e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea como uma pomba (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32). Essa manifestação visível indicava ser Ele o Messias prometido, o Cristo, literalmente “o Ungido” de Deus (Is 11.2; 42.1). Essa unção, porém, não deve ser confundida como uma “adoção do Espírito”, como se Jesus passasse a ser o Messias naquele instante. Antes mesmo do batismo, Ele já era o Filho de Deus (Lc 1.32). Portanto, a vinda do Espírito sobre Jesus na ocasião do batismo representa sua unção pública e visível, marcando o início de seu ministério terreno e capacitando-O para cumprir a missão redentora, conforme as profecias messiânicas (Is 61.1,2; Lc 4.18-21).

Atenção aqui para o próprio nome Messias (no original hebraico מָשִׁיחַ, lê-se, Mashiach, em grego, Μεσσίας, se lê como em português), cujo significado é ungido. O termo designa aqueles que foram separados pelo ritual da unção e, portanto, dotados de um ofício ou função divinamente concedida.

Ao longo de suas, aproximadamente, 39 aparições no Antigo Testamento, três esferas principais emergem: sacerdotal, real e (menos frequentemente) profética. Cada uma contribuindo para o retrato cumulativo que, em última análise, converge no Redentor prometido. Frise-se que o Messias era alguém esperado por todo Israel (Jo 1:41) e até em Samaria (Jo 4:25)!

Embora pareça estranha a doutrina adocianista já foi defendida no seio da Igreja. Conforme menciona Gruden, “o adocianismo ensinava que Jesus viveu como homem comum até seu batismo², quando Deus o “adotou” como “Filho” conferindo-lhe poderes sobrenaturais”. Ainda citando Gruden, temos que os adocionistas não concordariam que Cristo é eterno, já que teria como ponto de partida de sua existência seu nascimento.

² Teologia Sistemática, Wayne Gruden, pág. 180

Os principais defensores do adocionismo, cujas ideias foram condenadas pelos concílios ecumênicos, incluem:

- **Teódoto de Bizâncio (Teódoto, o curtidor):** Ativo no final do século II, foi um dos primeiros defensores proeminentes do adocionismo. Ele ensinava que Jesus nasceu como um homem comum e se tornou divino (ou foi "adotado" como Filho de Deus) no momento de seu batismo, devido à sua vida de santidade. Ele foi excomungado pelo Papa Vítor I por volta de 190 d.C.
- **Paulo de Samósata:** Bispo de Antioquia em meados do século III, ensinou uma forma de adocionismo conhecida como monarquianismo dinâmico. Ele defendia que o *Logos* (Palavra) ou poder de Deus habitou no homem Jesus de Nazaré, mas negava que Jesus fosse Deus por natureza. Sua visão foi condenada por um sínodo em Antioquia em 268 d.C.
- **Elipando, Arcebispo de Toledo, e Félix, Bispo de Urgel:** No século VIII, uma forma posterior de adocionismo ressurgiu na Espanha, conhecida como adocionismo espanhol. Elipando e Félix argumentavam que, na sua divindade, Cristo era o Filho natural de Deus, mas na sua humanidade, ele era o Filho por adoção. Esta visão foi condenada em concílios, notavelmente no Concílio de Frankfurt em 794 d.C.

É importante notar que muitas heresias vão e voltam com novas roupagens e devemos estar sempre atentos, para não sermos levados por supostas novidades.

3) A voz do Pai: a aprovação celestial. Por fim, uma voz audível do céu proclama: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3:17; Lc 3:22; Mc 1:11). Trata-se de uma declaração solene e pública do Pai, que não apenas confirma a identidade messiânica, mas também a divindade de Jesus. Essa afirmação remete às mensagens messiânicas e proféticas de que Jesus é o Filho eterno, o Ungido de Deus, aquele que agrada plenamente ao Pai (Sl 2:7; Is 42:1). A voz celestial não inaugura sua Filiação, mas a proclama diante da humanidade, confirmando a encarnação do Verbo (Jo 1:14). Desse modo, a voz de Deus no batismo autentica não somente a missão redentora de Jesus, mas, ainda, demonstra sua Filiação divina: Ele é o Filho em quem o Pai tem completo prazer.

Comprazer no grego é εὐδοκέω (lê-se, eudókeô), que ocorre 21 vezes no NT, denotando uma aprovação irretocável. No batismo e transfiguração de Jesus Cristo, o Pai anuncia publicamente: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3:17 ; 17:5; Mc 1:11 ; Lc 3:22). A mesma declaração é lembrada por Pedro: "Pois ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando da Majestosa Glória lhe foi dirigida a voz: 'Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo'" (2 Pe 1:17). Essas cenas revelam a aprovação inabalável do Pai quanto à pessoa e à missão do Filho, fundamentando a cristologia na relação eterna da Trindade. O verbo estabelece Jesus como o único objeto do prazer do

Pai, validando suas credenciais messiânicas antes de qualquer milagre ou ensinamento público.

O prazer de Deus, entretanto, não é temporal ou episódico. Ele se prolonga no tempo até a cruz. Isaías 53:10 declara: "Ao Senhor agradou moê-lo...". O profeta usou o verbo **יָצַח** (lê-se: chaphets), que significa ter prazer, deleitar-se e ocorre 75 vezes no AT, a exemplo de Salmos 1:2; 40:8 e 112:1. Não era um deleite sádico, mas a alegria de ver obediência do Filho, cumprindo sua vontade eterna.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

"BATISMO. O ritual iniciatório do cristianismo. O rito é de grande importância para conectar o indivíduo a Cristo e à comunidade maior de crentes. O batismo carrega uma igual medida de simbolismo e tradição, evocando uma conexão entre a circuncisão pactuada e a purificação ritual do AT e a regeneração e renovação do NT. O precursor imediato do batismo cristão foi o batismo de João Batista (Mt 3 e paralelos), um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados, preparando os corações dos pecadores para a vinda do Messias. Jesus, embora sem pecado algum, foi batizado por João para 'cumprir toda a justiça' (Mt 3.15, NVI), identificando-se assim com os pecadores e com a missão de redenção que o Pai lhe havia confiado. João havia predito que o Messias traria 'o batismo com o Espírito e com fogo' (Mt 3.11). Os discípulos de Jesus continuaram o batismo de João durante o seu ministério terreno (Jo 4.1,2).

O batismo foi imediatamente importante na Igreja Primitiva, pois Jesus ordenara aos discípulos: '... fazei discípulos [...] batizando-os' (Mt 28.19, ARA). Após a morte e a substituição de Judas, entre os 'que conviveram conosco [...] desde o batismo de João' (At 1.21,22). O primeiro sermão cristão foi: 'Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado' (2.38). Os apóstolos lideraram os novos crentes em Cristo imediatamente ao batismo (2.13,38; 8.9,10; 10.48; 16.15,33; 18.8; 19.5; 22.16)." (LONGMAN III, Tremper (Ed.). Dicionário Bíblico Baker. Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p.76).

II - A DISTINÇÃO E A UNIDADE DAS PESSOAS DIVINAS

1 - Unidade e distinção pessoal. A doutrina da Trindade afirma que Deus é uma só essência (**ουσία**, lê-se: *ussía*), mas subsiste em três Pessoas distintas (**ὑπόστασις**, lê-se: *rrypóstassis*). A Obra da Redenção, por exemplo, é trinitária em sua essência: o Pai planeja e elege (Ef 1.4); o Filho executa a obra expiatória (Jo 3.16; Hb 9.12); e o Espírito aplica os benefícios da salvação (Tt 3.5; Rm 8.16). Assim, a unidade divina, longe de contradizer a Trindade, é enriquecida por ela, revelando um Deus que é, ao mesmo tempo, uno em essência e Triúno em Pessoa. O Deus bíblico não é uma unidade absoluta, monolítica ou impessoal, mas sim uma unidade composta e dinâmica, eternamente subsistente em três Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Para compreender adequadamente o conceito de Trindade devemos nos remeter a uma dinâmica³ feita por nós, há algum tempo. Colocamos três velas dentro de uma pequena lata vazia de leite em pó (poderia ser outro material), com uma folha de papel ao redor. Ao olhar internamente vemos três fontes de luzes, mas ao olhar ao longe, que é como enxergamos a Deus, só enxergamos um único feixe luminoso.

2 - A Pluralidade na Unidade no Antigo Testamento. O Antigo Testamento aponta para uma pluralidade dentro da unidade divina. O nome hebraico Elohim, plural de Eloah, é utilizado para designar o Deus único de Israel: “No princípio, criou Deus (אֱלֹהִים, lê-se: Elorrim, em hebraico o H é sempre pronunciado) os céus e a terra” (Gn 1.1). No texto, o sujeito (Deus) está no plural, enquanto o verbo “criou” (bara) está no singular, indicando uma pluralidade pessoal em uma única essência divina. Essa estrutura gramatical incomum reaparece em outros textos bíblicos (cf. Gn 1.26; 3.22; 11.7; Is 6.8). Essas passagens evidenciam que o monoteísmo do AT não nega a Trindade, mas admite pluralidade interna na divindade. Assim sendo, a doutrina da Trindade não contraria a unidade de Deus conforme revelada nas Escrituras, mas a completa e a qualifica.

3 - A Trindade Explicitada no Novo Testamento. A Trindade não é vista como três deuses, mas como três Pessoas em um único Deus. Por exemplo, na fórmula batismal “batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19); o substantivo singular “nome” (ὄνομα, lê-se: ónoma), indica uma só essência, seguida por três Pessoas distintas. O mesmo ocorre na bênção apostólica “a graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos” (2Co 13.13); esse texto associa as três Pessoas de modo equitativo.

Perceba que na bênção apostólica o nome de Jesus vem primeiro. Se o Pai (Deus) fosse o maior, como está radicado no inconsciente coletivo, estaria nesta posição. Conforme frisou o comentarista, são equivalentes em termos de posição e hierarquia. Deus não é maior que Jesus, nem que o Espírito Santo, sendo um grave equívoco teológico atribuir-lhes tal distinção.

Ainda, as Escrituras afirmam que fomos “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1Pe 1.2); aqui a participação das três Pessoas divinas na obra da salvação é nitidamente evidenciada. E Paulo acrescenta “há um só corpo e um só Espírito... um só Senhor... um só Deus e Pai de todos” (Ef 4.4-6); essa tríade (Espírito, Senhor, e Deus Pai) reflete obviamente a estrutura trinitária da divindade.

Atenção para outro grande equívoco que é pensar que durante o Velho Testamento o Filho e o Espírito Santo estiveram ausentes, enquanto Deus era o protagonista.

³ <https://www.youtube.com/shorts/OUHkFDxLKB8>

Momentos atrás estudamos como, na obra da Criação, a Trindade interagiu entre si. Há abundantes referências que demonstram esta interação ao longo da história bíblica. Entendemos por equivocada a tendência de dizer que no Velho Testamento é a Era do Pai, no ministério de Jesus, a Era do Filho, e hoje, a Era do Espírito. Esta divisão pode ter até fins didáticos, mas não reflete a realidade da operação da Trindade.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

“DEUS. O nome pessoal de Deus mais importante é Yahweh (יְהוָה), o tetragrama sagrado ao qual se atribui as vogais de יהוה, sendo pronunciado comumente entre nós como Jeová), que é traduzido na maioria das bíblias por ‘O Senhor’. Na sarça ardente, no deserto de Horebe, Deus primeiramente revelou a Moisés o seu nome pessoal em forma de sentença: ‘EU SOU O QUE SOU’ (Êx 3.13-15). Embora ponto de debate, o nome divino “YHWH” parece originar-se de uma forma abreviada dessa frase. Jeová, que falou com Moisés e com seu povo na época do Êxodo, é o Deus que estava com Abraão, Isaque, Jacó. De acordo com o testemunho de Jesus, ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó’ é identificado como o Deus ‘dos vivos’ (Mt 22.32). [...] O Deus cristão da Bíblia é o Deus trino. Deus é um, porém existe em três Pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito (Mt 28.19). O Filho é um com o Pai (Jo 10.30) e é identificado também como ‘Filho do homem’ e ‘Senhor’ e ‘Deus’ (Mt 1.25; Jo 20.28; 2Co 3.17,18; Gl 3.28; 5.3,4; 10.16; 1Tm 3.16; Tt 2.13; 2Pe 1.1). Todos os três compartilharam a mesma obra da criação (Gn 1.1-3), salvação (1Pe 1.2), habitação (Mt 28.18-20; At 16.6; Jo 14.17; 1Co 3.9,16).” (LONGMAN III, Tremper (Ed.). Dicionário Bíblico Baker. Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p.76).

III - A RELEVÂNCIA DA TRINDADE PARA A FÉ CRISTÃ

1 - Desenvolvimento doutrinário da Trindade. A doutrina da Trindade não é uma elaboração tardia da fé cristã, ela emerge das Escrituras como a revelação progressiva do Deus vivo (Dt 6.4; Mc 12.29; Rm 1.3,4; Is 7.14; Jo 16.13; 2Co 3.17). Sua plena compreensão foi definida nos primeiros séculos da Igreja. O Concílio de Niceia (325 d.C.) proclamou que o Filho é “da mesma substância” (ὁμοούσιος, lê-se: *romo-ussios, vem de homos (mesmo) e ousia (essência, ser, substância)*) do Pai, condenando a ideia de que Ele fosse uma criatura exaltada. O Concílio de Constantinopla (381 d.C.) completou a formulação trinitária ao afirmar a divindade do Espírito Santo. Desde os primeiros séculos, estudiosos da fé cristã têm ensinado a perfeita unidade em Deus, sem confundir a identidade de cada Pessoa divina. Assim, aprendemos que o Pai, eterno e não gerado, é a fonte; o Filho é gerado do Pai; e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Desse modo, o apóstolo Paulo ensina a natureza trinitária da espiritualidade cristã: o cristão ora ao Pai, por meio do Filho, no poder do Espírito Santo (Ef 2.13,18).

Maiores informações sobre os concílios mencionados

Concílio	Niceia	Constantinopla
Ano	325 d.C.	381 d.C.
Local	Niceia (atual Turquia)	Constantinopla
Convocado por	Imperador Constantino	Imperador Teodósio I
Tema central	A divindade de Jesus Cristo	A divindade do Espírito Santo
Controvérsia	Arianismo: ensinava que Jesus era uma criatura criada e não Deus eterno	Negação da plena divindade do Espírito Santo (pneumatomaquianos)
Decisões principais	1) Jesus Cristo é verdadeiramente Deus, da mesma substância do Pai (homousios) 2) Formulação do Credo Niceno 3) Condenação do arianismo como heresia	1) O Espírito Santo é Deus, digno de adoração. 2) Ampliação do Credo Niceno → Credo Niceno-Constantinopolitano. 3) Afirmação clara: um só Deus em três Pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo.

2 - Implicações doutrinárias. A negação da Trindade resultou em heresias:

- O **triteísmo** (crença em três deuses separados) viola a unidade de Deus, pois a Bíblia revela a existência de “um só Deus” (1Co 8.6)
- O **unitarismo** afirma que somente o Pai é Deus, negando a divindade de Cristo e do Espírito Santo, contrariando as Escrituras que ensinam a divindade de ambos (Jo 1.1; At 5.3,4). São representantes modernos desta doutrina os Testemunhas de Jeová. O unitarismo ecoa os ensinamentos arianos. Ário, bispo de Alexandria, morreu em 336 d.C.. Pregava que em dado momento Jesus foi criado pelo Pai, portanto, passou a existir daí por diante. Tendo sido criado, não tem todos os atributos do Pai e lhe é inferior.
- O **unicismo** (ou modalismo), ensina que Deus se manifesta em três formas sucessivas, ou modos (daí o nome modalismo), porém, no batismo de Jesus está claro que as três Pessoas são distintas e se manifestaram simultaneamente (Mt 3.16,17). Surgiu no século III, especialmente com Sabélio, que viveu em Roma (modalismo sabeliano).⁴ Modalismo também é chamado de monarquianismo modalista, pois esta doutrina afirma que Deus se revelou de modos diferentes, mas também que só existe um único soberano absoluto (monarca). Pontua Gruden que “o erro fatal do modalismo é negar necessariamente as relações pessoais entre os membros da Trindade, relações que aparecem em muitos trechos das Escrituras”.

Assim sendo, o monoteísmo bíblico ensina que “há um só Deus que subsiste em três Pessoas distintas”. A compreensão distorcida dessa doutrina tem sérias implicações para a salvação: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem

⁴ Para uma melhor distinção entre estas heresias acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=HaXjG2seZ2M>

enviaste" (Jo 17.3). A doutrina da Trindade é inseparável do Evangelho, pois o Deus que salva é o mesmo Deus que se revela.

Um exemplo claro da ignorância a respeito da Trindade é que vemos, com frequência, em nossas igrejas, as pessoas glorificando e exaltando nos seguintes termos: "Glória a Deus!", "Aleluia!", "Glória a Jesus!". Mas é muito, muito raro, ouvirmos: "Glória ao Espírito Santo!" ou "Bendito seja o Espírito de Deus!". Isso decorre de uma certa ignorância em relação à Trindade.

Achamos que devemos glorificar ao Pai e ao filho, Jesus, mas, por vezes, ignoramos que devemos fazê-lo também ao Santo Espírito de Deus. Ele é igualmente digno de honra, glória e louvor, tanto quanto qualquer outra pessoa da Trindade.

O texto de 1 Co 6:19, 20, ensina: "Acaso não sabem que o corpo de vocês é templo do Espírito Santo, que está em vocês, o qual receberam de Deus? Vocês não são de vocês mesmos; foram comprados por um preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês (NVI)". Ou seja, além de glorificarmos no nosso corpo, devemos glorificar junto com o Espírito Santo, que habita em nós!

Portanto, é apenas uma ideia errônea que se radicou no inconsciente coletivo, a de que não devemos glorificar ao Espírito Santo. Da próxima vez que você for à igreja, exercite isso e glorifique ao Santo Espírito de Deus!

CONCLUSÃO

Compreender a Trindade é fundamental para manter a fidelidade doutrinária. Ela não apenas protege a integridade da revelação de Deus, mas também sustenta toda a estrutura da salvação. Crer na Trindade é crer no Deus que salva e que se manifesta plenamente como Pai, Filho e Espírito Santo. Por isso, a doutrina da Trindade deve ser confessada, celebrada e ensinada como um fundamento inegociável da fé cristã.

Citamos aqui um pensamento de Herman Bavinck, um teólogo reformado: "Atanásio compreendeu melhor do que qualquer contemporâneo que o Cristianismo permanece de pé ou cai com a confissão da divindade de Cristo e da Trindade"⁵. Isto dizia da importância de conhecer este assunto e estar bem fundamentado nele.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO OU FIXAÇÃO AO FINAL DA AULA

1. Como o batismo de Jesus revela, de forma simultânea, as três Pessoas da Trindade? Cite os elementos do texto bíblico que confirmam essa revelação.
2. Por que o batismo de Jesus não foi um ato de arrependimento, e qual foi o seu verdadeiro significado segundo o texto?

⁵ Teologia Sistemática, Wayne Gruden, pág. 182

3. Explique de que maneira o batismo de Jesus marca o início visível de sua missão messiânica.
4. Qual é o significado da descida do Espírito Santo em forma de pomba no batismo de Jesus, e por que isso não pode ser entendido como uma “adoção” divina?
5. O que a voz do Pai, declarada no batismo de Jesus, revela sobre a identidade e a divindade de Cristo?
6. Explique a diferença entre unidade de essência (ousia) e distinção de pessoas (hipóstases) na doutrina da Trindade.
7. Como o Antigo Testamento aponta para uma pluralidade dentro da unidade divina? Cite exemplos mencionados no texto.
8. De que forma o Novo Testamento explicita claramente a doutrina da Trindade? Utilize ao menos uma referência bíblica apresentada no texto.
9. Quais foram as contribuições dos Concílios de Niceia (325 d.C.) e de Constantinopla (381 d.C.) para a formulação da doutrina da Trindade?
10. Quais são as principais heresias trinitárias citadas no texto (triteísmo, unitarismo e unicismo), e por que elas comprometem a fé cristã e a doutrina da salvação?
11. Cite duas referências que declaram a deidade de cada uma das pessoas da Trindade.